

Identidade!

Boletim do Grupo de Negr@s
da EST/IECLB
Vol. 04, n. 01 e 02, janeiro-agosto/2003
Apoio: Federação Luterana Mundial
Periodicidade: Quadrimestral
Tiragem: 2.000 exemplares

Revisão: Luís M. Sander
Diagramação e Impressão:
Con-Texto Gráfica e Editora

Responsáveis editores:
Maricel Mena López
Hênio Santos de Almeida

Endereço para contato:
Boletim Identidade
Escola Superior de Teologia
Caixa Postal 14 - 93001-970
São Leopoldo - RS

E-mail: identidade@est.com.br
Sites: www.est.com.br

Obs.: São de total responsabilidade
dos autores os textos por eles escritos.

É com muita alegria que temos o prazer de entregar a você, car@ leitor@, o primeiro número do Identidade! deste ano. É o volume 4, contendo os números 1 e 2 que vêm condensados nesta edição única. Neste número estamos tratando de diversos assuntos. Sendo que um deles é o lançamento do livro “Abrindo sulcos: para uma teologia afro-americana e caribenha”.

Este livro é um sonho de nosso grupo que agora se concretiza. Mas o lançamento do livro não é nosso único motivo de comemoração. Estamos comemorando o nosso II Simpósio Abrindo as Portas da Igreja que este ano conta com a participação dos seguintes palestrantes: Dom Gílio Felício (Bispo de Bagé), o senador Paulo Paim e o Prof. Dr. Peter Nash.

Nesta edição, queremos pedir aos leitores que enviem sugestões e críticas acerca deste número ou dos números anteriores, pois no próximo número pretendemos iniciar uma seção de “cartas”. Se você conhece alguma pessoa que deseja receber nosso boletim via e-mail, basta que essa pessoa nos escreva e será um prazer atendê-la.

A [tod@s @s leitor@s](mailto:todos@leitor@s) nosso muito obrigad@, e que a leitura deste número seja capaz de apontar para um horizonte novo e cheio de perspectivas.

Hênio Santos de Almeida
Resp. editorial



Apresentação

Maricel Mena López / Peter Theodore Nash

Quando pensamos no sulco, imaginamos o trabalho paciente das e dos camponeses que acordam cedo para semear a semente na terra que têm enxugado com seu suor. O labor de abrir sulcos na terra nos dá a idéia de que algo novo está nascendo, algo que necessita de nosso cuidado, de nosso carinho, algo que nos ajuda a encontrar novos sentidos para nossas vidas, novas identidades. Este sulco é fruto de um grande mutirão, feito por homens e mulheres comprometidas com a nossa terra, com a nossa ancestralidade.

E por isso que escolhemos a metáfora do sulco, pois ele nos coloca em contato com a nossa mãe terra, a nossa mãe África. Estamos certos e certas de que esse mutirão é um processo em construção, assim como o sulco que somente se renova com a ajuda de novas mãos.

Vivemos num período fértil do pensar teológico negro. Negros e negras no Brasil, na América Latina e Caribenha, nos vários países da África e na América do Norte estão refletindo teologicamente a partir das suas próprias comunidades e suas próprias experiências. Através deste pensar teológico o evangelho está alcançando novas regiões, não somente nas comunidades negras, mas também entre outras comunidades de pessoas que antigamente não se reconheciam no convite do evangelho embranquecido.

Porém não negamos e nem rejeitamos o período anterior, em que quase todos os trabalhos eram feitos por brancos e aqueles negros que trabalharam são lembrados como europeus, pais gregos ou latinos. Citamos Atanásio, bispo de Alexandria e autor de *Sobre a Encarnação do Verbo*, como um exemplo

dos pais africanos, que, no seu tempo, foi chamado “o anão negro”.

Essa época de embranquecimento da teologia, que esqueceu ou escondeu nossas raízes africanas, teve seu papel e foi importante, mas vivia numa iluminação européia falsificada que imaginou-se a fonte de luz para a humanidade toda. Agora o trabalho é resgatar a diversidade originária da fé cristã destacando as contribuições das negras e dos negros do passado. Agora a fase nova é: aumenta o número de trabalhos teológicos feitos por teólogos e teólogas negras que se atreveram a irromper no espaço teológico dos brancos e romper com o silêncio de séculos de marginalização das nossas igrejas.

Os textos que estamos compartilhando neste livro dão conta dos avanços e perspectivas da teologia e hermenêutica bíblica negra que se constrói e se aprofunda especialmente na Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil - IECLB. As inquietudes teológicas aqui expostas partem do coração das vivências de vida comunitária que se tecem no interior das comunidades da IECLB, comunidades estas desafiadas a um compromisso sério em defesa da vida dos e das afro-brasileiras que assumiram o seguimento de Jesus Cristo no interior das igrejas.

Contudo, não nos limitamos a textos elaborados pelos teólogos e teólogas da IECLB. Convidamos a participar deste projeto irmãs e irmãos de outras denominações eclesiais: metodistas, pentecostais, presbiterianos, católicos romanos, que nos acompanharam nestes anos de trabalho e reflexão teológica negra.

Assim, desafiavam as igrejas cristãs a

se assumirem como uma igreja brasileira com diversidade de rostos. Esse é um desafio urgente para as nossas igrejas cujos membros são majoritariamente brancos, porém, elas estão localizadas num país onde mais do que a metade da população é negra ou carrega traços da cultura afro em seu sangue. Os filhos e as filhas de Etiópia estão correndo a estender mãos cheias para Deus; com este livro convidamos os outros povos de Deus a correr conosco.

Na primeira parte, reunimos textos preocupados com a memória, com a história, com a tradição das nossas comunidades negras. Assim, o texto de Cazombo nos leva pelo mundo da tradição das nossas ancestrais femininas e sua caminhada na construção e preservação da herança religiosa e cultural africana. O texto de Santos vai aos alicerces da tradição luterana apresentando um texto sobre a teologia de Lutero e o povo negro. Em continuidade, Lhulhier Jr nos chama à necessidade de continuar sonhando com uma igreja mais inclusiva apresentando-nos uma proposta de reconciliação entre afro e teuto-brasileiros. Em seguida, Mena López apresenta um texto sobre o messianismo afro-americano visto a partir de uma obra literária latino-americana. Aqui a autora explora a teologia trazida pelas negras e negros sobreviventes do êxodo africano nas Américas. Quirino, por sua vez, nos oferece uma caminhada pelo mundo das comunidades afro-católicas que andam em busca de sua identidade por meio de práticas afro-celebrativas. Fecha esta seção da Silva, oferecendo-nos um estudo comparado entre provérbios bíblicos e da cultura africana bantu com o objetivo de nos aproximar da linguagem sapiencial feminina nestes contextos.

Na segunda parte, a nossa seleção de artigos é mais de caráter bíblico-teológico. Assim, abrimos esta seção com um texto de Nash que nos introduz na pergunta norteadora do conjunto desta obra: por que falar de negritude na Bíblia e na Igreja?, fornecendo-nos importantes subsídios bíblico-teológicos para a interpretação de textos na ótica do povo negro. Em seguida, Padilha nos oferece um importante artigo sobre a hermenêutica negra. Em continuação, Acosta apresenta um panorama sobre o que se tem produzido no Caribe. Wandermuren realiza um estudo bíblico de um texto paradigmático na luta pela emancipação das mulheres negras, Gn 21, sobre a história da escrava egípcia Agar. Ela analisa o texto desde uma perspectiva de gênero, classe e etnia. Logo após, Mena López apresenta um estudo metodológico em perspectiva negra e feminista, oferecendo-nos pistas para a compreensão da metodologia hermenêutica negra. Finalmente, Otto apresenta um texto sobre o nascimento de Jesus numa perspectiva da negritude.

Este sulco, fruto da nossa labuta comunitária, nos dá felicidade e esperança na luta pela nossa libertação, tem um tempero, um sabor, um cheiro especial. Este sulco quer adocicar a vida de muitas comunidades negras ao longo do continente latino-americano e caribenho e, se me permitem, num contexto maior, porque esta maneira de fazer teologia precisa ser saboreada além das nossas fronteiras.

Abrimos nossas colheitas. Aqui estão nossos frutos e seus cheiros: ABRINDO SULCOS!

São Leopoldo, RS
Outubro de 2003

A identidade pessoal só é definível em contato com o outr@. É apenas quando encontramos o outr@ que reconhecemos o eu. Esse encontro é uma das atitudes mais arriscadas que podemos ter em nossas vidas. Isso porque o outr@, o desconhecido pode causar pânico.

Para vermos esse pânico, basta observarmos as nossas atitudes ante o outr@: desprezo, desconfiança, mas também curiosidade, agrado. Contudo, Lévinas demonstra que temos a tendência de negar o outr@, negar sua independência. Pensamos em tomar posse do outr@. Mas isso não é tão simples. Isso significa reduzi-lo a algo análogo a nós. Tentamos anexá-lo a nós mesmos, vendo-o como nossa extensão. É nesse sentido que procuramos compreendê-lo. Essa compreensão deriva do exotismo que o outr@ nos proporciona. Buscamos compreendê-lo porque é exótico. É uma “coisa” que nos chama a atenção.

Não é possível ter diálogo com esse tipo de atitude. Isso porque “roubamos” aquilo que nos atrai no outr@. Muitas vezes sem a permissão dele. Nesse tipo de relação, há apenas um sujeito e um objeto: o eu é sujeito e o outr@ é objeto. Quando temos o que queríamos, largamos o outr@ à sua própria sorte. Pensamos, contudo, que fizemos um “favor” a ele, já que o tornamos uma extensão nossa e, a partir desse encontro, podemos dizer que o “compreendemos”, que o “civilizamos”, como fizeram os colonizadores. Nada mais distante da verdade. O outr@ não é objeto de nosso conhecimento. É um sujeito. Sujeito como nós. Lévinas nos mostra

como estamos enganados quando pensamos em compreender antes de aceitar.

O diálogo é a única forma de conhecermos o outr@, e, por sua vez, é necessária a aceitação do outr@ como sujeito para podermos ter o diálogo: “Compreender uma pessoa é já falar-lhe”.² Talvez no caso brasileiro, antes de falar-lhe, seja necessário ouvi-la, pois não é possível o diálogo com um objeto. Isso é um monólogo. No diálogo, apreendemos do outr@ o que ele nos permite. Ele, por sua vez, apreende de nós o que permitimos. É uma relação de complementaridade. Há um enriquecimento mútuo, advindo da própria diversidade. É nesse tipo de encontro que se dá a formação da identidade.

Em contato com o outr@, vemos o que temos em comum e o que nos torna diferentes. O diálogo permitiu que ambos os sujeitos se encontrassem e houvesse um conhecimento mútuo, sem violência e sem medo.

Também em relação a grupos étnicos é assim que acontece. As diferenças acabam por se fazer importantes porque delimitam o eu e o outr@, o nós e o el@s. Não é menos desafiadora a relação entre dois grupos étnicos. Só que o diálogo torna-se mais difícil. Há conflitos muito mais profundos, pois as diferenças podem ser absolutizadas e utilizadas para a opressão.

O povo negro hoje tem uma retomada de sua auto-estima. Começamos a nos ver como sujeitos de nossa história. Estamos começando a tomar a palavra e fazermos ouvir. Não somos tábulas rasas: temos

conhecimentos que podem ser trocados para o enriquecimento mútuo, de brancos e negros. Não queremos que nos compreendam, no sentido acima exposto, mas que conversem conosco, que dialoguem. Com esse diálogo todos ganham, pois o aprendizado não será unilateral (um ensina e o outr@ aprende), mas mútuo. Nossas diferenças serão parte da contribuição original que temos a oferecer um ao outr@, espontaneamente.

Nossa identidade está sendo reconstruída, pois a que recebemos estava por demais estereotipada. Reconstruímos a nossa identidade diariamente, enfrentando preconceitos que ainda insistem em manifestar-se.

Notas

- 1 Ezequiel de Souza é estudante de Teologia na Escola Superior de Teologia e de Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bolsista do CNPq, integrante do Grupo de Negros da EST e representante do corpo discente no Conselho de Pesquisa da EST. Este texto é parte da Oficina Comunicação e Cultura – Formas como São Transmitidos Preconceitos Raciais, ministrada no XV Acampamento Repartir Juntos, em Concórdia, Santa Catarina, nos dias 15-19 de janeiro de 2003.
- 2 Emmanuel LÉVINAS, A ontologia é fundamental?, in: id., Entre Nós: ensaios sobre a alteridade, Petrópolis: Vozes, 1997.

Horizontes de cura do preconceito

Maricel Mena López

Este foi o tema da oficina promovida pelo grupo Identidade durante o Encontro de Pastoral Luterana, realizado em Marechal Candido Rondon em fevereiro de 2003. A oficina foi coordenada por dois estudantes, Fernanda Tolsdorf e Ezequiel de Sousa, e pela Prof. Dra. Maricel Mena López.

Começamos o nosso trabalho falando sobre atitudes e falas preconceituosas que circulam no nosso cotidiano. Em seguida motivamos os e as participantes a escrever numa folha frases preconceituosas que escutamos no nosso cotidiano. Cada pessoa fez a leitura em voz alta da frase, destacando o quanto essa linguagem é reprodutora de racismos, sexismos e classismos. Então destacamos a necessidade de abrir as

nossas portas eclesiais para outros grupos e comunidades que foram excluídas consciente ou inconscientemente das nossas comunidades eclesiais. Por exemplo, os afro-brasileiros, os indígenas, e muitas mulheres de espaços de lideranças. Num ato simbólico de compromisso com meus semelhantes fizemos uma queima simbólica dessas frases, comprometendo-nos com a luta contra os preconceitos em nossas comunidades.

Uma vez feita essa queima, surgiu a seguinte pergunta: como teria atuado Jesus no seu tempo, perante as pessoas que não eram de seu grupo social? Assim, fizemos a leitura do texto de Mc 7.24-30. Esta foi a pergunta norteadora do trabalho feito em pequenos grupos. A maioria dos

grupos ressaltou a atitude preconceituosa de Jesus, salientando sua humildade ao se deixar interpelar pela mulher estrangeira que pede a cura da sua filha. Assim passamos para o estudo do texto.

O encontro de Jesus com a mulher siro-fenícia faz parte de um conjunto mais amplo de encontros, palavras, gestos e milagres de Jesus relatados na obra de Marcos. No texto de Mc 7.24-30 encontra-se, pois, uma série de símbolos como: pão, cura, diálogo e conflito, que são familiares na leitura de todo o Evangelho de Marcos.

Marcos situa o encontro de Jesus com a mulher siro-fenícia na cidade de Tiro, localizada na Fenícia, parte da Síria. Está situada na zona costeira, ao norte da Galiléia. As relações comerciais entre Israel e Tiro eram intensas desde tempos muito antigos da história israelita (1Rs 9.10-14), contudo, essas relações foram também conflituosas. No tempo dos profetas, por exemplo, Tiro é condenada por ser uma cidade muito rica, por ter alianças com outros impérios e, conseqüentemente, por praticar outra religião além do javismo (Is 23.1-18). O encontro de Jesus não sucede no interior da cidade, mas no campo, numa região de fronteira onde confluem no mínimo três culturas diferentes: fenícia, judaica e helenista. Aqui é possível a convivência mesmo com tensões étnico-culturais e econômicas próprias dos territórios limítrofes ou de fronteira.

Após situar o texto dentro de seu contexto, tentamos ver mais de perto Mc 7.24-30 destacando de forma especial os conflitos revelados. Jesus vai até a região de Tiro justamente para visitar os judeus lá residentes. Nessa visita Jesus quer

permanecer no anonimato (v. 24), mas não consegue, pois uma mulher de origem pagã, quer dizer, não judaica, ouve falar de Jesus e vai até a casa onde ele se encontra buscando a cura para sua filha doente (vv. 25-26). A resposta de Jesus é a seguinte: “Deixa primeiro que se fartem os filhos, pois não está bem tirar o pão dos filhos e jogá-lo aos cachorrinhos” (v. 27). Nela se nos revelam os conflitos étnico-raciais existentes entre judeus e não judeus, mas também as tensões de gênero entre homens e mulheres, e de classe entre ricos e pobres. Porém a voz da mulher nos revela sua sabedoria e criatividade retórica ao responder: “É verdade, Senhor, mas também os cachorrinhos, debaixo da mesa, comem das migalhas dos filhos”. A mulher introduz uma discussão teológica em prol da sua filha.

Ela representa a voz bíblico-teológica das mulheres, que têm sido excluídas e marginalizadas do discurso cristão. Ela rompe com qualquer preconceito que inferioriza a sabedoria das mulheres. E estabelece um diálogo inclusivo entre judeus e não judeus. É a palavra dela que ameniza o conflito racial e social implícito e nos ensina que podemos ter uma convivência e tolerância entre os grupos que são diferentes do nosso. Jesus aceita o desafio bíblico-teológico da mulher e a cura da filha da mulher se realiza (vv. 29-30). Deste modo observamos como a pedagogia de Jesus inclui também a troca de conhecimentos, sua atitude nos revela um Jesus humano que se deixa interpelar pelos setores mais marginalizados da sociedade e que nos chama para que atuemos assim, quer dizer, respeitando nossos jeitos diferentes de ser.

Este rápido estudo do texto nos interpelou quanto à necessidade de superar os preconceitos que temos em relação às mulheres e comunidades negras em especial, revisando em nossa vida cotidiana a nossa linguagem preconceituosa que contribui para a negação destes grupos. Visto que a linguagem preconceituosa nos revela que vivemos numa sociedade doente, e que essa doença produz marginalização psicológica e social de pessoas e grupos. Pois as exclusões sociais provenientes do racismo, do sexismo e dos antisemitismos se revelam a través das palavras, da fala. Assim, vemos que a nossa retórica é uma ferramenta que serve tanto para a dominação como para a libertação, isto é, ela pode produzir tanto vida como morte. E, como cristãos e cristãs, nosso compromisso é com a vida.

Também percebemos que um dos nossos principais desafios é possibilitar a abertura das nossas fronteiras eclesiais abraçando a diferença. Isto, sem dúvida, nos desafia quanto à necessidade de uma igreja mais aberta e plural, e deste modo o cristianismo que pregamos se engrandece. Um outro elemento ressaltado nessa

prática de Jesus é a necessidade de diálogo com aqueles que estão debaixo da mesa, isto é, no lugar de exclusão social, desprovidos da palavra. Finalmente reivindicamos o direito à inclusão de gênero, etnia, idade, limitações, opções sexuais em nossa igreja. Isto nos ajuda na cura de preconceitos que ainda rondam as nossas comunidades eclesiais. Isto, sem dúvida, rompe barreiras e cria novas relações mais justas e fraternas entre as pessoas.

Fechamos nosso estudo manifestando o nosso compromisso com meus semelhantes cantando: “Na nova terra o negro, o índio, o empobrecido, o branco e todas vão comer no mesmo prato”, salientando a riqueza da oficina e lamentando o fato de que este tema seja somente aproveitado por um grupo tão pequeno dentro de um evento com um público tão numeroso. Contudo, continuaremos caminhando nessa busca da prática solidária de Jesus em nosso cotidiano.

Bibliografia

- SCHÜSSLER FIORENZA, Elizabeth. Pero ella dijo. Editorial Trotta, Madri, 1996. p. 62-67.
DE LIMA, Silvia Regina, En territorio de frontera Una lectura de Marcos 7,24-30. San José, DEI, 2001, 131 p.

Reflexões sobre um currículo inclusivo

Selenir C. Gonçalves Kronbauer*

Estimulada a contribuir com um texto para o Boletim Identidade, tentei elencar alguns aspectos relativos a educação, inclusão/exclusão e libertação, relacionando-os ao “Currículo Escolar e suas implicações no cotidiano d@s estudantes”.

Entendo que ensinar é uma forma de intervir na realidade e que os e as profissionais da educação precisam ser éticos,

revelando aos estudantes sua capacidade de analisar, comparar, avaliar e decidir sem omitir-se diante da realidade. Assim o entendo quando Paulo Freire afirma que “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo”¹.

A escola, o espaço onde o indivíduo deveria circular com mais liberdade

parece que hoje tem-se “concentrado”, resultando num espaço em que ainda está sendo estudado, como uma “fórmula mágica” para tentar “salvar” a humanidade através da educação. Diante disso, qual o papel da educação neste contexto?

A inclusão ou exclusão acontece nos diferentes segmentos sociais por onde o indivíduo circula, percebendo-se, de maneira geral, que a questão ainda não está clara no que diz respeito ao comprometimento e responsabilidade de cada um no que tange à educação. Observa-se que ainda falta conscientização em relação ao processo cultural quando se busca analisar o currículo das escolas, em especial as escolas de formação de educador@s.

A busca pela autonomia e liberdade faz parte da vida diária do ser humano. Como define Fiori:

“A educação é o esforço permanente do homem por constituir-se e reconstituir-se, buscando a forma histórica na qual possa re-encontrar-se consigo mesmo, em plenitude de vida humana, que é, substancialmente, comunhão social.”²

Com base no que Fiori afirma, o ser humano é o que faz de si mesmo na atividade de cultivar-se. Cultivar-se é o mesmo que historicizar-se. Faz-se necessário haver um diálogo integrador que oportunize a troca de idéias entre educadores e educandos para que seja despertada a consciência de que o ser humano possa educar-se e não ser educad@. A exemplo de Freire em seu “método” de alfabetização, cujas discussões e reflexões levaram seus aluno@s a sistematizar e organizar seu pensamento sobre questões da realidade, assumindo uma postura crítica, ou seja, “o educando refletindo sobre sua própria realidade”.

Se partirmos do princípio de que o aluno e a aluna não devem ser mais considerad@s como meros receptor@s de informações, mas sim como sujeitos capazes de buscar seu desenvolvimento e estabelecer relações do conhecimento, do qual se apropriaram, com a vida diária, não temos mais condições de dar ênfase às

disciplinas isoladamente e aos conteúdos transmitidos de forma linear e unilateral.

Quando se imagina uma organização curricular que atenda as necessidades da comunidade escolar de um modo geral, conseqüentemente, deveria surgir a preocupação de se buscar um projeto curricular que exija o compromisso de uma prática educativa que forme um cidadão e cidadã consciente, crític@ e participativ@ e que ao mesmo tempo desmistifique a ilusão equivocada de que o acréscimo de atividades pedagógicas seja o suficiente para cumprir a função de mudanças no currículo.

Acredito que a influência do currículo na educação do sujeito parte da clareza e posicionamento que as pessoas envolvidas na sua elaboração têm sobre visão de humanidade, mundo e sociedade.

Nos debates e seminários de que tenho participado, surgem questões muito bem pontuadas envolvendo, entre outras, as situações dos grupos dos diferentes Movimentos Sociais como MST, Grupos de Afro-Descendentes, Grupos Indígenas. Nestas discussões também surgem questionamentos relevantes sobre a elaboração e organização dos Projetos Político-Pedagógicos e Currículos, baseados em Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), quando na verdade existem diferentes situações sociais envolvendo cada grupo, e não se concebe mais um currículo que sirva exclusivamente aos valores de uma determinada sociedade.

Sabe-se que o currículo carrega em si condicionantes sócio-político-culturais que determinam diferentes visões do ser humano, mundo e sociedade, que, direta ou indiretamente, implicam o tipo de ensino que se desenvolve. O currículo configura-se como ação viva e concreta que transcende os muros da escola e “invade” o contexto social. Deste modo, como as situações têm-se apresentado em relação aos grupos dos diferentes movimentos sociais, percebemos que ainda nos deparamos com o desafio de entender qual concepção de sociedade é a “base” para a

formulação de um currículo escolar na perspectiva da emancipação humana ou da inclusão.

Notas

1 Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, São Paulo: Paz e

Terra, 1996, p.110.

2 Ernani Maria Fiori, *Textos escolhidos: v. II. : Educação e Política*, Porto Alegre: L&PM, 1991, p. 83.

* Pedagoga Especialista em Supervisão Escolar - UFRJ; Mestranda em Teologia na Área Religião e Educação IEPG/EST; Professora no Colégio

A maldição de Hera: O lugar do sujeito e o resgatar da fala para além da simples reprodução

Hênio Santos de Almeida*

Dentre as muitas peripécias de Zeus, conta-nos a mitologia grega a história de uma bela e falante ninfa de nome Eco.

Diz a lenda que certo dia estava Zeus, o Rei dos deuses do Olimpo e marido de Hera, paquerando as ninfas do bosque, quando a enfezada esposa deu por sua falta. Indignada e isso com razão, a enciumada esposa desce do Olimpo para dar o flagrante no marido adúltero.

Para sorte de Zeus que, como todo marido, detesta ser pego em flagrante, uma das ninfas, a bela Eco, dona de uma voz aveludada e possuidora do dom da fala e, assim, grande contadora de estórias, percebeu a chegada da deusa e, para salvar o amigo, colocou-se no caminho dela e, como se diz em Minas, "garrrou de conversa", contando-lhe as mais interessantes e longas, é claro, histórias que conhecia.

Resultado? Bem, Zeus, percebendo a chegada da esposa, logo trata de voltar para seus aposentos reais, ou melhor, divinos, e Hera, percebendo-se enganada por uma reles ninfa, resolve vingar-se. Assim, decide lançar uma maldição sobre a pequena amiga de Zeus. A partir daquele momento, Eco perderia o dom da fala e tudo que poderia fazer seria repetir as últimas palavras que lhe dissessem.

Eco, apaixonada por Narciso, não lhe pôde declarar amor. O jovem abandonou-a e a ninfa, desesperada, embrenhou-se nos bosques, fugindo a qualquer convívio.

Definhou tanto que, passado algum tempo, só restou dela a voz que fez eco nas montanhas. Esta é a razão pela qual, ainda hoje, quando falamos diante de um lugar vazio pleno de rochas, ouvimos a voz da triste ninfa a repetir nossas últimas palavras.

A primeira vez que ouvi essa lenda, percebi logo que ela pode servir de metáfora de muitas de nossas relações, sejam elas religiosas, educacionais, familiares ou mesmo políticas.

Mas pensando como teólogo em formação que sou, não pude deixar de pensar no que ela tem a dizer para nós, estudantes de Teologia, e para nossa tão amada Igreja.

É obvio que a lenda vale por si, pois trata como maldição não a perda da fala, mas antes a repetição mecânica daquilo que se ouve. A ligação com a vida social me pareceu e ainda me parece óbvia. Quando os indivíduos de uma comunidade são privados dos mecanismos, dos espaços ou das oportunidades da fala, tenderão a repetir aquilo que lhes for dito.

Parece-me que por muito tempo tem sido assim em algumas igrejas e até mesmo em algumas faculdades. É inevitável pensar na vida religiosa em que sacerdotes e ministros detêm a palavra, seja a revelação ou mesmo a pregação. Neste caso é Deus quem fala, ou melhor, uns poucos falam por Ele. É também inevitá-

vel, ainda, pensar em algumas faculdades onde alunos aprendem e professores ensinam, onde mestres falam e discípulos ouvem. Onde ainda se ouve "cala a boca" e os currículos são construídos e "passados" por quem já aprendeu para aqueles que nada sabem. Os mestres e doutores falam em nome da comunidade, escondidos, por vezes, atrás de títulos e siglas legitimadoras. Teorizam em cima de clássicos europeus e europeizantes sobre um povo que sequer sabe da existência desta tal de "Oropa". E se existem aqueles que pretendem "ouvir", os que não têm voz esbarram em mil obstáculos, dentre eles seus próprios pré-conceitos sobre essas vozes que pretendem decifrar.

O medo talvez provenha do medo de ouvir algo que não se quer ou que vai de encontro a nossas paixões narcisistas, elitistas ou etnocentristas. Permitir a fala pode significar a perda do poder ou mesmo mudanças tão significativas que mesmo os mais interessados não estão dispostos a arriscar.

Neste ponto, vejo como positivo o trabalho das comunidades e agentes de pastoral negra, os grupos de gênero e, de forma geral, os movimentos populares que estão crescendo cada vez mais. Eles são espaços onde, independentemente do objetivo dos seus líderes, as pessoas conversam e não apenas ouvem.

Sonho em dar minhas boas-vindas a uma faculdade que esteja menos preocupada em passar a matéria do que em ser espaço da construção do ser humano, do "Dasein" heideggeriano.

Dizem que o que nos torna humanos, entre outras coisas, é a linguagem, mas como bem sabemos, é preciso aprender a falar, e este aprendizado, me parece, não se conclui com 4 ou 5 anos de faculdade, ele simplesmente não termina. Aliás, ele pode inclusive ser desaprendido. Ao não falarmos, podemos cair na maldição de Hera, nos tornarmos meramente repetidores das últimas coisas que ouvimos.

Se nos tornarmos meros repetidores,

perderemos, assim como Eco, aquilo que amamos. E isso pode ser o nosso amor-próprio, nossa auto-estima, nossa cultura e até nosso próprio jeito de ser, vestir e agir.

"Nesse mundo nada se cria, tudo se copia" diz um ditado popular. Mas a minha esperança é que não sejamos cópias do meio que quer nos condicionar e reduzir-nos àquilo que não somos.

O Apóstolo São Paulo, que viveu em uma época de perda da identidade e de fé, gritava aos quatro ventos: "Vivam como se não" (1Co 7.29-31). O problema é que parece que a Igreja interpretou estes versículos durante muito tempo da seguinte maneira: "Vivam no Brasil como se não estivessem no Brasil. Façam cultos no Brasil como se não fossem para os brasileiros".

Mas levanto minha mãos aos céus e dou graças a Deus, que está despertando cada vez mais a sua Igreja para um "como se sim". Onde as portas estão sendo abertas depois de longos anos de imobilidade.

Parece que vejo e ouço o ranger das dobradiças dessas portas levantando a poeira do preconceito, fazendo barulhos e incomodando alguns que não gostam de barulhos (pessoas) diferentes. Mas é o próprio Deus quem move as portas, por isso não há mais quem as possa fechar!

Que Deus em Cristo nos dê, hoje e sempre, o dom do falar. E que esse falar não seja um reproduzir, antes um sempre "falar novo" das coisas que se tornam novas a cada dia e proclamam a Cristo.

Bibliografia

- DONATO, Hernâni. Dicionário de Mitologia. São Paulo: Cultrix, 1973.
- GRIMAL, Pierre. Dicionario de Mitologia Griega y Romana. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989.
- BRANDÃO, Junito. Dicionário Mítico-Etimológico. Petrópolis: Vozes, 1991. v. 1.
- BRUNEL, Pierre (org.). Dicionário de Mitos. ^{Titulários} Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

D

*2
hc



Deus Decepção

Eu,
Cheio de preconceitos,
Racista!
Eu,
Com falsos conceitos,
Neo-nazista!
Eu,
Detestando pretos.
Eu, sem coração...
Eu,
Perdido num coreto
Gritando: "Separação!"
Eu, você,
Nos... nós todos,
Cheios de preconceitos,
Fugindo como se eles carregassem lodo
Lodo na cor... E com petulância,
Arrogância,
Afastando a pele irmã.
... Mas
... Estou pensando agora:
E quando chegar a minha hora???
Meu Deus, se eu morresse amanhã,
De manhã?
Numa viagem esquisita,
Entre nuvens feias e bonitas,
Se eu chegasse lá?
E um porteiro manco,
Como os aleijados que eu gozei,
Viesse abrir a porta,
E eu reparasse sua vista torta,
Igual aquela que eu critiquei?
Se sua mão tateasse pelo trinco,
Como as mãos do cego que não ajudei?
Se a porta rangesse,
Chorando os choros que provoquei?
Se uma criança me tomasse pela mão,
Criança como aquela que não embalei...?
E me levasse por um corredor florido,
Colorido,
Como as flores que eu jamais dei?
Se eu sentisse o chão frio,
Como os presídios que não visitei?
Se eu ouvisse as paredes caindo,
Como as creches e asilos que não ajudei?

... E se a criança tirasse corpos do caminho,
Corpos que eu não levantei
Dando desculpas que eram bêbados, mas eram
epiléticos,
Que era vagabundagem, mas era fome.
Meu Deus!
Agora me assusta pronunciar seu nome!
E se mais para a frente a criança cobrisse um
corpo nu,
Da prostituta que eu usei,
Ou do moribundo que não olhei,
Ou da velha que não respeitei,
Ou da mãe que não amei...?
Corpo de alguém exposto,
Jogado por minha causa,
Porque não estendi a mão,
Porque no amor fiz pausa
E dei, sei lá, só dei desgosto.

E no fim do corredor, o início da decepção!
Que raiva, que desespero,
Se visse o mecânico, o operário,
Aquele vizinho, o maldito funcionário
E até, até o padeiro,
Todos sorrindo não sei de quê...
Ah! Sei sim, riem de minha decepção.
Deus não está vestido de ouro,
Mas como????
Está num simples trono.
Simples como não fui,
Humilde como não sou.
Deus decepção!
Deus na cor que eu não queria,
Deus cara-a-cara, face-a-face
Sem aquela imponente classe
Deus simples! Deus negro!
Deus negro!
E eu... racista,
Egoísta,
E agora???
Na terra só persegui os pretos,
Não aluguei casa, não apertei a mão.
Meu Deus você é negro, que desilusão. (...)

Neimar de Barros